

A FESTA DAS COSTUREIRAS

ALGUMAS DAS GENTIS
COSTUREIRAS QUE
TOMARAM PARTE
NA FESTA DO
COLISEU DOS RECREIOS



FOTO
ARMANDO
SERODIO

VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 262
30 DE MAIO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00

POR ANTONIO RUAS

ENTRE o agir e o pensar há um grande abismo. Há homens que pensam como filósofos, conhecem bem a natureza humana, o modo de tratar as pessoas segundo suas capacidades e sentimentos, sabem perfeitamente as moias que movem o homem, como comovê-lo, como encorajá-lo, como manejarlo de todas as formas e feitios, tudo isto teóricamente; porque na prática deixam-se ludibriar pelo primeiro raio-luz que aparece, e isto não de vontade, mas inconscientemente, involuntariamente, porque o seu pensamento está desperto na meditação, dormindo profundamente na ação.

* * *

Quando, ao cabo de longa jornada, nos abelramos dum poço para beber comêmos não perturbador a placidez aparente daquelas águas. Porque, se as abertemos, em vez da branca linfa que nos descecia, temos expostos ali uma substância negra e suja que, longe de nos refrescar, nos entenebra o organismo, corrompendo-nos a saúde.

A sociedade, na sua acalmação doce e enganosa, é como essa superfície de águas mansas, aparentemente límpida. Porque se a agitarmos, a claridade do dia succedeu às trevas da noite, e o sol carregado de manchas sombrias, eclipsa-se; e onde víamos amor encontramos ódio, onde havia liberdade achamos escravidão, e onde procurávamos a inocência, deparamos com o cariz da maldade.

* * *

A vida medeia entre um choro e uma agonia: nascer e morrer; ou entre duas agonias, porque a criança entra agoniada neste mundo. Para ressaltarmos a este coladrio em que camos, Deus deu-nos ambição e aquela enxada que se chama vulgarmente algaria de viver.

Uns os climas são muito ásperos, com gelos, nortadas e nevocos que se cortam à faca, o homem, muitas vezes, para compensar a embriaguez da alegria de viver que lhe falta, recorre aos excitantes, álcool, tabaco, etc. Nos climas muito quentes, por exemplo na África, também o indígena recorre aos estimulantes para talvez suprir uma energia que o ambiente desmente lhe tira.

Quando o homem se não embriaga com a vida vem-lhe a melancolia, doença que o faz ractocinar a frio sobre a existência, sobre a morte, sobre a inutilidade de tudo o que vê: amor, dolo, riqueza, alegrias.

* * *

É difícil ser proeminente no mundo, sem certa dose de charlatanismo. O homem que quiser vencer só pelos seus méritos, raras vezes vence. Em primeiro lugar tem de sofrer a hostilidade dos que lhe não suportam a superioridade. Não só aqueles que estão no mesmo plano social que ele, mas também os que lhe estão hierarquicamente superiores, combatem-no, por inveja e por temerem a sua concorrência. Os chefes, quando meliores, raras vezes suportam a presença de subordinados de talento.

O homem de valor precisa de muito tacto e habilidade para afastar os seus inimigos. Muitas vezes, em face de certos cristãos, deve fazer-se burro, outros, em presença de certos indivíduos, tem de se apresentar com ópio.

Na política, é onde o charlatanismo mais impera. Por isso se diz que até os grandes estadistas têm de se revestir de certa dose de mediocridade para conduzírem a água ao seu molinho. Pelo menos, fingirem às vezes que tomam o mundo a sério e parecerem que são conduzidos, quando, na verdade, são eles que conduzem.

Se fomos a consultar a vida de alguns grandes homens de Estado, Pitt, Bismarck e outros, quantas vezes os não encontramos charlatões? Em tudo se requer, neste nosso mundo inferior, charlatanismo, que não é senão, em certos espíritos cultos e talentosos, uma adaptação ao meio, à mediocridade, um processo de nos fazermos compreender pelo vulgo, pela banalidade, pela multidão.

* * *

Há, a meu ver, duas espécies principais de síntese: aquelas que, por exemplo, pretendem resolver tudo numa fórmula única, que faz derivar o conhecimento da sua única fonte: Deus. A ciência, quando procura servir o bem, a humanidade, é sintética, porque remonta à abedoria e à beleza eterna. A filosofia, nas suas especulações metafísicas, a querer abrangere o destino do homem, a desenvolver nele as superioridades do seu espírito, a pô-lo em frente de si mesmo, a estudar a seu destino sobre si próprio e sobre as coisas, é uma síntese verdadeira. Todos os poetas, todos os sábios, todos os inventores, que produzem com um fim transcendente ilustres obras por um ardente desejo de interpretar a vida, de exaltar os valores nobres da humanidade, de acrescentar qualquer coisa de bom e útil ao património social, são sintéticos na real acção da palavra, porque são reveladores, mensageiros do Alto, que à Terra criaram com um mandato do Céu.

Mas a melhor e a mais profunda síntese é a religião. Adoração, vstração, reverência genuflectida às Causas. Filosofia de todos, das grandes e dos pequenos, que se entende mais pelo coração.

Mas a mais alta espécie de síntese podemos chamar-lhe síntese superior. Porque há os inferiores. Os doidos são sintéticos, porque não analisam. As crianças também. E os criminosos idem. Concebem, imaginam e operam.



O Chefe do Estado, no Patriarcado, retribuindo a visita que lhe foi feita pelo Cardeal Mosala

A VISITA DO CARDEAL LEGADO



O representante do Chefe do Estado e o sr. Presidente do Conselho, na despedida do Cardeal Legado

JOSE CANDIDO GODINHO

EDITOR

PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNICIPAL EDITORA, LIMEIRA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

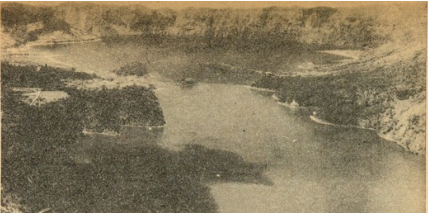
RUA DA EMENDA, 69, 2. — LISBOA — TELEFONE 2 584+

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

OFICINAS GRAFICAS BERTRAND, LIMEIRA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

IV CENTENARIO DE PONTA DELGADA A CIDADE DE ANTERO, TEOFILO E SENA FREITAS



O lago verde e azul das Sete Cidades é o mais conhecida vista do ilha de S. Miguel

PONTA Delgada festeja agora os seus quatro séculos de cidade. Foi El-Rei D. João III que, no ano de 1546, elevou o então progressivo e laborioso burgo micoelense à categoria que hoje tem, e muito honra com o seu labor e a actividade dos seus grandes homens. Villa Franca — berço da primeira vida social micoelense — fôra subvertida por um terramoto pavoroso, que a história e a lenda registam. Os serviços públicos haviam-se transferido para Ponta Delgada. E nesse porto achavam-se as naus da Índia, do regresso, o agasalho necessário contra as procelas do grande Oceano e contra a ondatia dos piratas e corsários castelhanos, franceses, ingleses, argelinos, mouros e turcos. Conquistado, pois, uma realidade — o valor do primeiro centro da ilha de S. Miguel — o monarca deslejava também reconhecer e premiar a boa vontade dos insulares para com os marinheiros lançados na aventura dos mares, e no confínio do Oriente e do Brasil.

Já então — todos o sabem — eram os Açores posto avançado de Portugal, nove sentinelas vigilantes e seguras. Por lá se porturiam as bat-

lhas da Restauração e da Independência. Por lá flutuou o pavilhão dos portugueses livres do século XVI e XVII, quando o domínio dos Filipes afrontava o nosso orgulho e o nosso gosto pela liberdade nacional. Lá se organizou a «resistência», que a Espanha teve de quebrar com a força das suas esquadras, com muito sangue e à custa de anos. A batalha na saiga, na ilha Terceira, comitida, por assim dizer, a prova de fogo e o bagulhão de sangue do portuense-ismo açoreano. Nessa renhida luta — vale a pena recordá-lo, neste século de guerra total! — quando minguavam os homens, um frade lembrou-se dos stóicos de mortes e lançoies, na praia, contra o Invasor oclado. A Espanha perdeu, então, a fina flor da sua sociedade guerreira. Lopo de Vega consagrou essa gesta admirável, que lembra os impetus indomáveis das Termópilas. Dessa forma, em pleno século XVI, um religioso patriota, Frei Pedro, praticava, gentilmente, como estratégia de improviso, a guerra total, uma blitzkrieg surpreendente, a guerra motorizada, por obra e graça daqueles tolos soberbos, descritos muitos séculos antes por Anacreonte,

numa ode que, nos Açores, se havia de converter numa gesta, por obra e graça dos insulares açoreanos, com sangue de fidalgos e plebeus.

No século XIX, por lá andaram: de novo, os portugueses que, «ombando com a liberdade, entre eles Herculano e Garrett».

O futuro historiador meditou muito, como ele próprio disse, assentado nos espelhos ilheus. Garrett, educado no Paço do Rio Bispo, na cidade de Angra, onde primeiro amou e onde fez os primeiros versos, falaria mais tarde «perpétua Primavera» dos ilheus. Mousinho pediu que o sepultassem na Ilha do Curvo, a mais pequenina dos Açores e a mais cristã do mundo, a ilha-ideia onde não há ermes... nem cadeia.

Mas não há espaço para recordar, aqui, figuras e momentos históricos do arquipélago.

Falemos, hoje, um pouco de S. Miguel, a maior, a mais bela, a mais laboriosa e progressiva Ilha dos Açores. Pouco mais de um século após o seu descobrimento, possuía já uma cidade. Volvidos mais quatro séculos, apesar do afastamento e do isolamento ilheu, essa cidade é hoje uma das mais populosas e importantes de Portugal.

Fol, a bem dizer, no século passado que se fez S. Miguel. Uma geração de altos micoelenses, animados de amor à terra, meteu ombros a uma empresa de progresso surpreendente. A velha terra amodorrada dos morgados e dos carrões lentos pelas «estradas» (que o haviam de ser um dia agitados, acertos e passo, e hoje é Lda progressiva como qualquer terra do continente).

Castilha teve, em 1847 — val fazer um século — a feliz ideia de ir morar para Ponta Delgada, com a família. A sua volta, no burgo micoelense, formouse logo um grupo de gente esclarecida que recebeu o seu impulso, as suas luzes e as suas iniciativas de braços abertos. Não foi só o amor às letras que nasceu nesse convívio e céniculo. Criou-se um verdadeiro movimento agrícola — com o seu órgão, por sinal — industrial também. A causa da instrução ganhou paladinos. Atiram-se escolas e colégios-liceus.

A obra não morreu. A terra desentranhou em frutos. Os arquivos foram investigados e a cultura açoreana formouse, com carácter — iamós a dizer — próprio. Tudo o que interessava ao arquipélago foi estudado. S. Miguel actualisava-se. Do século XVI saltava para o século XIX.

Nos últimos com anos, aproximadamente, nasceram S. Miguel, Antero, Teófilo e Sena Freitas. A Ilha deu e dá ainda o Portugal lento e político, escritores e jornalistas. Ocloso seria enumerá-los.

Ainda hoje — um melhor: hoje so-

brutado — o continuo açoreano e micoelense é notável na vida nacional.

Nos Açores — e nas Ilhas mais avançadas — só uma coisa falta: o combolo. Mais nada. As indústrias, lentamente e embora, multiplicam-se. O esforço micoelense não tem limites. Por lá às vezes a sua luta contra a natureza, como sucede, por exemplo, com a cultura do ananaz, o rei dos frutos, amaxizador micoelense em Portugal, em Londres, no Havre, em Hamburgo, e noutras partes da Europa. Foram conquistado a outros climas e domesticaram-no, quando uma praga feru de morte, no século finão, os formosíssimos lanranjas de S. Miguel, que a Inglaterra pagava com milhões de libras. A China se foi buscar o chá. A Nova-Zelândia a espadana, se não estou em erro.

Hoje, a Ilha de S. Miguel tem as suas indústrias: a do açúcar, a do álcool, a dos lacticínios, a do papel, a das conservas, a do bealea, a do chá, a dos linhos, etc. E as chaminés das fábricas resfolgam alto, misturando a sua fumarada espessa com as brumas insulares, que adocam o clima e garantem à Ilha Verde — como às outras, em geral — aquele verdor de Primavera perpétua, de que saudosamente falói Garrett.

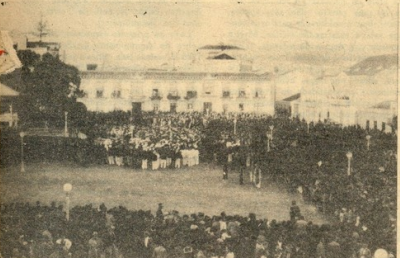
Em pleno Atlântico, os Açores não são África nem América, são Portugal.

Ponta Delgada, o primeiro centro de S. Miguel, a primeira Ilha do arquipélago, celebra agora o seu quarto centenário. Os açoreanos dispersos pelo continente e pelo Mundo não esquecem a sua cidade de 25 mil almas, berço de grandes homens, um dos melhores portos do Atlântico, oficina laboriosa, centro das melhores tradições da cultura açórica, espírito marítimo de virtudes portuguesas.

Assomam-se às celebrações, em espírito, certos de que o futuro reserva à capital micoelense, sob o patrocínio do Arcebispo de S. Miguel — seu padrinho e seu anjo da guarda contra os abismos do Oceano e os perigos do céu — a honra de ser uma das grandes terras portuguesas, presença de sempre e para sempre da Ilha no meio do Atlântico, o mar onde acaba o velho Mundo e o novo Mundo começa, bandeira da cultura Ilítica atlântica que Portugal defendida no século XX, e que os ventos da história viram para os lados do Brasil, pedação de Portugal já «perfeito», fruto sazoadono com os verdes fecundos para as novas sementeiras da humanidade.

Ela as pobres, povoadas ditas em louvar à terra, por um micoelense de nascimento, de coração e de saúde.

DINIZ DA LUZ



Ponta Delgada tem estado a festejar o seu 4.º aniversário de cidade, com grandes manifestações de regoio popular. Na Praça Cinco de Outubro reuniram-se todas as filarmónicas da ilha de S. Miguel, com mais de mil figurantes.



O Cardeal Masella e o Patriarca de Lisboa, no Batólio, a caminho de Fátima

O episcopado português aguarda, à entrada do Mosteiro da Batalha, o Legado Pontifício.



MARTIN MAQUEDA VAI EXPORNA AMERICA!

dele, hoje deve estar que não interrompe os seus trabalhos de arte, trabalhando no seu atelier de Paris.

Mauro Maqueda é o nome de todo, sua reputação mundial.

A facilidade de que fala o idioma português e o domínio de francês e inglês permitem ao artista, a partir de qualquer ponto do mundo, ser conhecido e admirado, não só no seu país, mas em todo o mundo. Ele vive em Paris, onde se encontra a maior concentração de artistas e onde se encontra a maior facilidade de trabalho.

É claro que, quando se fala de Maqueda, não se trata de um artista qualquer, mas de um artista que se tornou conhecido em todo o mundo. Ele vive em Paris, onde se encontra a maior concentração de artistas e onde se encontra a maior facilidade de trabalho.



Dr. Joaquim Alves



Dr. Joaquim Alves



Madona Corroa



Constança de Paiva



Madona Corroa



Madona Corroa



Madona Corroa

ALGUNS RETRATOS FEITOS EM PORTUGAL PELO PINTOR MARTIN MAQUEDA



4 CRIAÇÕES DA MODA DE PARIS



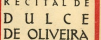
JACQUES HEIM GERMAINE LECOMTE

AS AYES NÃO TEM OLFATO

A terra não tem olfato, portanto, não sente. Mas a terra tem olfato humano. É o homem que sente a terra, sente a vida, sente a morte. É o homem que sente a terra, sente a vida, sente a morte.

UMA MULHER COMO A MULHER E MELHOR DO QUE A MULHER

Não é de hoje que se fala em mulher. É sempre de hoje que se fala em mulher. É sempre de hoje que se fala em mulher. É sempre de hoje que se fala em mulher.



RECITAL DE DULCE DE OLIVEIRA

NACIONAL SOCIEDADE DE BELAS ARTES

FRANCO DE AUTOMÓVEL PARA VER ATRAVÉS DO VEICULO

Os automóveis, desde os primeiros modelos, têm sido uma das grandes invenções da humanidade. Eles nos permitem viajar mais rápido e mais confortavelmente.

João Saraiva, João Chagas, privam, estimam-se, colaboram... Um monárquico, deputado afrancesado, governador civil do Porto; o outro republicano, panfletário, autor do livro *João Franco*, revolucionário, preso no Quartel dos Paulistas, onde escreve as suas impressões de prisioneiro, essas admiráveis páginas de prosa modelar, que são o livro — 1908.

Depois, mais tarde, João Chagas, presidente de ministério, João Saraiva, redactor da Câmara dos Deputados.

Na Galiza, Paiva Conceição dava as últimas instruções aos seus emissários. Estava-se nas vésperas das incursões monárquicas.

Afonso Costa, deputado, torna sessão da Câmara alisca o governo com violência; João Chagas, presidente do ministério, levanta-se e responde com firmeza e sobriedade.

Terminada a sessão da Câmara, João Chagas dirige-se a João Saraiva. O escriptor procura saber a opinião literária sobre o seu discurso, do grande poeta, que admira.

Outros tempos... Melhor: pessoas de outra envergadura.

Não mudam os tempos, mudam os homens.

João Saraiva publicou o seu primeiro livro — *Serenasas*, em 83, tinha 22 anos. Actualmente, aos 22 anos, os rapazes são ainda pelizes.

Se alguma coisa publicam, é a metra. Succedem-se — *Líricas*, em 1890; *Mo-cidade*, em 1896.

Depois, em pleno vigor, já passados os cinquenta, em 1916, remane *Serenasas*, *Líricas* e *Mocidade*, e, ajuntando novas composições, publicou a obra definitiva — *Líricas e Ná-tivas*, que alcançou uma segunda edição em 1923.

Em 1922, recolhida as suas sátiras, dispersas por vários jornais — *Sátiras de Rituel*, e vinte anos decorridos, 1942, as suas últimas composições — *Sol Poeta*.

Aparte ficam sómente, além de alguns inéditos, dois esmetos — *Leada de Santa Bárbara*, 1922, que escreveu para uma meta, e *Sinfonias*, que escreveu em louvor do vinho de propriedades do seu mais íntimo amigo, o Jurisconsulto letrado, Dr. Fernando Martins de Carvalho.

Livros à margem da sua obra, que assistiam, com mérito, as largas possibilidades do poeta.

Mudam os tempos... Através da sua obra, João Saraiva mantém-se, e novas composições vêm sómente reforçar a linha definida, em contornas firmes, de uma forte personalidade.

Mudam os tempos, quando mudam as pessoas.

Nem daquelas figuras — (síntese, padrão) — que o grande Eça desenhou, poderiam algumas actualmente subletrir no contorno das mesmas linhas, tão mudados estão os outros compassos, que formavam o meio em que viveram...

Não era, por exemplo, aceite na imprensa, com as videirismo e ausência de escrupulos, um *Palmas* canudo; poderia, talvez, vingar um *Palma* cavalinho, fosse adível.

A rádio-televisão na Inglaterra

Em Julho aparecerão à venda, na Inglaterra, aparelhos de rádio-televião, fabricados depois da guerra, mas de modelo igual ao existente em 1939.

Os aperfeiçoamentos introduzidos dizem respeito apenas à técnica de iluminação e de transmissão.

As descobertas feitas no campo do radar serão aplicadas gradualmente à televisão, mas isso será feito de modo que os velhos receptores não percam a sua utilidade, visto que estes aparelhos ainda são muito caros.

A televisão colorida ainda estará em experiência durante alguns anos. A televisão nos cinemas será, dentro de pouco tempo, um facto trivial. Uma grande empresa cinematográfica montou já uma fábrica para trabalhar no material necessário às novas instalações.

A televisão transacónica não é possível devido ao facto de as ondas da televisão caminharem em linha recta, e do seu alcance ser interceptado pela curvatura da terra. Esta dificuldade, no entanto, poderá ser superada — como pensam fazer os americanos — recebendo os programas em aviões, voando a grandes altitudes e retransmitindo-os daí.

Na Inglaterra, de início, só as pessoas que vivam dentro de uma área de 50 milhas, com centro em Londres, poderão receber os programas da B.B.C. Porém, dentro de dois anos, aparecerão as primeiras estações retransmissoras que levarão os programas a toda a Inglaterra.



Esta é a fotografia de Petiot, no momento em que, já condenado à morte, entra no seu cela.

MEIAS · LUVAS
PROSICAR
 R. DA ASSUNÇÃO 71 LISBOA
 LOJA E BAZAR

Chegou há dias ao aeroporto da Portela o avião da Air-France que inaugurou a carreira Paris-Lisboa.

A bordo, viajaram os sr. Roor, Director dos Transportes Aéreos, Dufournier, representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, Desbrière, Director-Geral da Companhia Air-France, e coronel Faure, antigo Adido da Aeronáutica à Legação de França em Lisboa, etc.

Por motivo deste acontecimento, o sr. Ministro de França e Madame du Ault ofereceram uma recepção a numerosas individualidades portuguesas e francezas.



Um aspecto da recepção oferecida pelo sr. ministro de França.

INAUGURAÇÃO DA CARREIRA AÉREA PARIS-LISBOA



A chegada ao aeroporto do avião que inaugurou a carreira Paris-Lisboa.

Isto interessa-lhe Minha Senhora

QUAL É O DEDO CUJOS TRAÇOS SÃO PREDOMINANTES NAS SUAS MÃOS?



Temos repetido em muitas ocasiões que, para efectuar uma análise das formas e características palmares não basta um olhar em conjunto. É muito importante estudar os traços próprios

de cada um dos dedos, depois de examinar o todo e julgar quais são as características predominantes. Encontraremos curiosas contradições que nos chamarão a atenção. Mas não será assim a alma humana? Não nos desconsertam gestos belíssimos, actos de sacrificio, abnegações próprias de um ser muito evoluído, em criaturas miseráveis, escassamente dotadas, fracas e quase indefesas? Dentro de cada um de nós palpita um misterioso universo, com jogos infinitos de luz e sombras. Até em seres aparentemente simples existem

interessantes complexos. Na maioria das pessoas, os dedos são diferentes uns dos outros em grossura, flexibilidade, forma das suas extremidades, direcção, etc. Qual é o dedo que domina em uma mão? Tamanho, grossura e o comprimento maior que o normal, em proporção, indicam qual é esse dedo. Também o facto dos outros se inclinarem para um dedo determinado, indica neste uma influência predominante. Não esqueçamos que os dedos exprimem quais são as aptidões e especiais talentos de todos e de cada um dos seres humanos.

O ESMALTE DAS UNHAS

Para que o esmalte das unhas seque mais rapidamente, aplique-se o esmalte seguindo uma ordem. Quando acabar de aplicar a todas as unhas toque suavemente a primeira que tenha arranjado com a ponta da língua. Se não estiver demasiado húmida e pegajosa, pode aplicar um líquido secante oleoso, seguindo a mesma ordem que anteriormente. Poderá então calçar as luvas.

FORTALEÇA AS SUAS PERNAS E TORNOZELOS

Introduza este exercício na sua ginástica diária e obterá excelentes resultados para as suas pernas, ancas, tornozelos e músculos em geral. Ponha-se nos bicos dos pés e com estes ligeiramente separados, e eleve os braços para a frente, até à altura dos ombros. Comece a flexir os joelhos, mantendo sempre as costas direitas e os braços naquela posição. É muito possível que a principio se lhe torne um pouco difícil manter o equilibrio, mas esse inconveniente desaparece depressa. Mantenha-se em flexão durante uns segundos e volte à sua posição primitiva. Repita dez vezes no primeiro dia e vá aumentando gradualmente até chegar a vinte.

EXPERIMENTE



Perfume e Brilho
Incomparáveis



O Senhor das Damas

*emulsão
manos
resistentes*

DE
MANUEL DOS SANTOS MONTEIRO
A GENERAL 140808-2-1-VISITA

PRODUTOS
Rubbertex

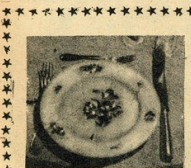
OS ARTIGOS MAIS UTILITÁRIOS
PARA CRIANÇAS E SENHORAS

Avatais — Capos — Toucas para banho —
Bibés — Babeltes — Vestidinhos para crianças

AS RUGAS
SÃO O PIOR INIMIGO
DA SUA BELEZA

ELIMINE AS SUAS, USANDO OS
PRODUTOS ELÉTRICOS
MIRABILIA
(LOCAO E CREME)

CLIPER



Sempre novidades em
artigos para brindes
e menage

AU BON MARCHÉ

45, RUA DA ASSUNÇÃO, 47



PARA DECORAR E MOBILAR
O SEU LAR
COM GOSTO E ELEGANCIA

dirija-se à casa especializada:

Lar Ideal, Lda.
RUA CAPELO, 4-A - LISBOA

CASAMENTOS

ARTES DECORATIVAS

A CASA PREFERIDA
POR NOIVOS E CONVIDADOS

CENAS
LISBOETAS

3

PARA TUDO É PRECISO SER ESPERTO

INTERPRETAÇÃO: LINA E SALVADOR
FOTOGRAFIA: ARMANDO SERÓDIO



Pronto! Acabou-se-me o tabaco! É tão difícil arranjar, a esta hora, um moço de «Única»!

Mas espera!... Quem sabe se naquela tabacaria... De mais e mais a pequena é tão simpática!



Diga-me, minha menina: — Arranja-me um moço de «Única»?
Um só, já me chega!



Você está doido, com certeza!



Que pena! Você tem uns olhos tão lindos! É mesmo um amor de rapariga! — Achar?



Diga-me: — A que horas sai? Gostava tanto que me desse licença para esperar por si!



Bem... Então espere-me às sete! E, já agora — vá lá! — leve este pacote de «Única», para ter cigarros para toda a semana!

UMA LINDA EXPOSIÇÃO DE ROSAS!



m
il
Marcelle
COSMETICOS
HYPO-ALERGICOS

Quer de noite, quer de dia, o PERSEVERANÇA é a chave duma beleza atraente...

Confiadamente e sem faltar um só dia, use os produtos de limpeza e de beleza MARCELLE. Depressa o seu espelho reflectirá a sua pele mais fresca e clara, aceitando melhor qualquer das grandes variedades e tons do Pó, Rouge e Batons Marcelle.

Aplicados com subtilza e dentro do tema das cores, os produtos de beleza Marcelle completarão a vossa atraente personalidade.

Os produtos de beleza MARCELLE são especialmente aprovados pela American Medical Association.

FABRICADOS E EMBALADOS EM CHICAGO — U. S. A.

A venda nas melhores casas da especialidade

Unicos representantes em Portugal:

PAOLO COCCO — Rua Andrade n.º 4, r/c, Esq.º — Lisboa

O amplo salão de festas da Casa do Distrito do Porto, o horticultor Joaquim Quintela apresentou, ao público da capital, as suas lindas colecções de roseiras, onde havia verdadeiras maravilhas. Numerosa assistência correu aquela exposição — e dela safu encantada. A larga sala era um verdadeiro jardim, canteiros floridos e perfumados onde nada faltava, desde a arrogante «Lady Andersen», vermelho coral, especialidade de roseira trepadeira; à discreta «Gleisha», em amarelo laranja, como flor rara, enxertada junto à raiz.

Centenas de rosas, das mais variadas, desde as heráneas, vermelhas e caroadas, as pálidas, avulvadas, da cor do marfim, encharam o ambiente de suavidade e sonho.

As flores são, para o mundo, o sentimento mais vivo de ternura, a primeira rima de toda a poesia. Existem para encantamento dos olhos. Sem elas a natureza vivia nua, fúrida e fria como paisagem nostálgica dum deserto. Quando a Primavera chega, as flores abrem-se de viço e cor para a receber. E então os pássaros cantam alegres. Os canteiros, batidos pelo sol, têm um brilho desigual. E a natureza de fato domingueiro, contente e feliz. Esta exposição de agora serviu bem para mostrar o gosto de um dos nossos primeiros horticultores. Em cada exemplar está presente o estudo e o cuidado do homem.

As selecções de roseiras têm um apurado requinte. Desde as pétalas sanguíneas, largas e perfumadas, aos requintos botões bronzeados, de haste fina, tudo ali se encontra com um esmero e requinte inesquecíveis. As dália, por exemplo, que chegam a atingir 35 centímetros, como a «Berengária» de amarelo croco alaranjado, à «Balleghé Glonza», de vermelho avetudado bordado de amarelo ouro, encharam a assistência de deslumbramento.

Verdadeira parada de cor, enchendo o ambiente perfumado duma doçura incomparável, as flores, garridas, marcaram a sua nota enternecel. O amarelo-ouro, o vermelho vivo, o lilaz, o damasco, o carmin, o branco puro — aquela bela «Rizzi Dutch», rosa-velho — o castanho pontado de ouro, o amarelo-canário, o laranja assaolado, tudo, enfim, que é cor, harmonia, beleza, decorava o salão da Casa do Distrito do Porto. O público entusiasmou-se pelas colecções apresentadas e comprou, por bom preço, algumas das especialidades. O cultivo das flores é hoje, entre nós, tratado com esmero. Fazem-se verdadeiras enxertias que, há anos, poderiam parecer impossíveis, não só pelas condições do clima como até pelo negligente descuido com que são tratadas. Há pessoas que pensam que as flores vivem desde que, pela manhã, se não esqueçam de deitar a água no vaso ou na terra adubada. Esquecem-se lamentavelmente do sol, do ar, da posição que elas devem ter para que vivam. Joaquim Quintela e o horticultor Dias Ferreira, ambos do Porto, vieram mostrar que tudo se pode criar.

Eles conhecem, como ninguém, a delicadeza daquelas vidas. Há anos consuevamos que estudam as culturas. É impossível criar mais e melhor. E quem gostar de ter, durante o ano, no lar, em pequenos vasos ou em canteiros a alegria das flores sempre a viver, tem muito que aprender nestas exposições. Ali se viu que uma flor tem o seu sangue próprio, que é a terra, e necessita, para viver, do mais delicado carinho.

A Casa do Distrito do Porto foi um jardim — um grande canteiro onde os olhos correram enleavados, com as mais lindas rosas de Portugal.



O Chefe do Estado, na inauguração da Feira do Livro. Na foto vêem-se o sr. general Carmona e o sr. Ministro da Educação Nacional, visitando o estande dos livros de Espanha.



O sr. Embaixador do Brasil entregando à jornalista Fernanda Reis a Ordem do Cruzeiro do Sul, com que foi agraciado pelo Governo brasileiro.



A exposição colonial, na Casa dos Beiros, foi muito visitada.



Um aspecto da conferência do sr. Raúl Esteves dos Santos, no «Grupo Desportivo dos Tabacos».



O sr. dr. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências, entregando o Prémio Lançoite ao sr. dr. Durval Ruy Pires de Lima



Os Artistas Portugueses, que têm os seus trabalhos expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes, reuniram-se num jantar de confraternização



Após a imposição do «Cape» às alunas finalistas do Curso de Enfermagem

UMA NOMEAÇÃO

Foi nomeado vice-director do Instituto da Assistência Nacional aos Tuberculosos o escritor sr. Holbeche Castelo Branco, que exercea o lugar de chefe da repartição da Direcção Geral da Assistência.

O novo vice-director da A.N.T., que fez a guerra de 1914 no posto de capitão, tem-se dedicado profundamente ao estudo da assistência, principalmente ao funcionalismo civil tuberculoso, e por esse trabalho foi convidado pelo ministro Sineel de Cordes a chefiar e montar os novos serviços.

Passou, assim, do Tribunal de Contas, onde era chefe de repartição, para a Direcção Geral da Assistência, donde saiu agora para ocupar o seu novo lugar, onde mais uma vez vai pôr à prova as suas excepcionais qualidades de inteligência e de trabalho.

AS PROVAS HIPICAS NO CAMPO DO JOCKEY



O júri das provas hipicas realizadas no campo do Jockey Clube, entre alunos do sr. tenente-coronel Almeida Ribeiro



Os concorrentes às provas



Outros concorrentes

COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores e mais lindos mobiliários

CÓMODAS DE ESTILO — PORCELANAS DE SAXE — ESPELHOS DE VENEZA — CANDEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA — TAPEÇARIAS — MARQUISSETES E VOILES SUÍÇOS — CARPETES DE LÃ

COMPANHIA ALCOBIA

RUA IVENS, 14 (ESQUINA DA RUA CAPELO) — TELEF. 2 6441

o seu papel, como segundo marido de Luisa, lhe impedia. E possível que o hábito se tivesse fortalecido nele, coisa que certamente não teria sido do agrado de Luisa; mas felizmente ela rebentou a guerra. Hobbouse reencorporar-se no seu regimento, e três meses mais tarde encontrou a morte na frente de batalha. Isso deu um golpe rude para Luisa. Apesar disso, compreendeu que em semelhante crise não devia permitir-se exteriorizar as suas ótimas. E se sofreu algum ataque cardíaco, ninguém o soube. Para distrair a sua mente, transformou a sua vila de Montecarlo em um hospital para oficiais convalescentes. Os seus amigos descreveram que não poderia sobreviver a esse esforço.

— Bem sei que me matará! — disse ela. — Mas que importa? — Mas não a matou. Pôde continuar a viver da sua vida. Não houve um lar de convalescentes mais popular, em toda a França. Encontrou-se facilmente em Paris, naquela época.

Estava jantando, no Ritz, com um oficial francês alto e muito bem parecido. Explicou-me que se encontrava ali para resolver uns assuntos hospitalares. Deu-me também que os oficiais eram extremamente amáveis para com ela. Sabiam quanto ela era delicada e não lhe permitiam fazer coisa alguma. Eles tratavam-na bem; qualquer coisa assim, como se todos fossem seus maridos. Suspirou.

— Pobre Jorge! Quem pensaria que eu com o meu coração tão fraco, lhe sobreviveria? —

— E ao pobre Tom! — acrescentou eu. — Não sei porque ele não gostou da minha observação. Dirigiu-me o seu olhar sorriso e os seus formosos olhos encheram-se de lágrimas.

— O senhor fala sempre, como a mulher em carta os poucos anos que ainda posso viver! — queixou-se.

— A verdade é que o seu coração encontra-se muito melhor, não é assim? —

— Nunca melhorará. Esta manhã vieste um especialista que me disse que eu devia estar preparada para o pior.

— Pois claro. Mas a senhora tem estado preparada para o pior, há mais de vinte anos. Não é verdade? Quando a guerra terminou, Luisa esbeleceu em Londres. Era então uma mulher de mais de quarenta anos, delgada e frágil ainda, de grandes olhos e faces pálidas. Mas não aparentava ter mais de vinte e cinco.

Iris, que tinha estado num colégio, e era agora uma mulherinha, foi viver com ela.

— Ela cuidará de mim! — disse Luisa. — Será duro para a viver com uma pobre inválida como eu. Mas vou durar tão pouco tempo que estou certa de que não vai guardar-me rancor.

Iris era uma adorável rapariga. Tinha sido educada na convicção de que a saúde de sua mãe era preciosa. De pequena, não se lhe permitia fazer o mais pequeno ruído. Teve sempre presente que sua mãe não devia ser desgostosa por coisa alguma.

E se bem que Luisa lhe dissesse que não podia permitir que se sacrificasse por uma pobre inválida, sua filha calou, carinhosamente, os seus protestos. Não se tratava de sacrificios, mas, pelo contrário, sentia-se feliz por poder fazer alguma coisa para sua querida mãe. Com um suspiro, permitia-lhe que fizesse não apenas uma coisa, mas sim muito.

A pequena gosta de ser-me útil. — Não cre que seria conveniente para ela sair e distrair-se um pouco mais — perguntei.

— Isso é o que eu sempre lhe digo. Não posso conseguir que se divirta. Deus sabe que eu nunca quis que ninguém se incomodasse por mim.

Iris, quando eu a aconselhava, costumava dizer-me: — Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

Mas cheguei-me em um que ela se apaixonou. Um excelente rapaz, pediu-lhe que casasse com ele, e ela aceitou.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

— Pobre mãe! Ela deseja que eu saia com amigos e vá a reuniões e a bailes. Mas, no momento em que eu vou a algum lado, sobrevém um dos seus ataques cardíacos. Assim prefiro ficar em casa.

C. MILLER DECORAÇÕES

Atelier de pintura artística e decorativa
Móveis pintados género antigo e regional



ARTÍSTICOS CANDEIROS DE CATEGORIA MILLER C. MILLER, L.^{DA}

Escritório e Exposição: B. Rua Eduardo Coelho, 8 - Telef. 2 8813
Atelier e Oficinas: Estrada de Benfica, 405-B

RAPAZ OU RAPARIGA

É GRAVISSIMO

Indica-se de circunstâncias e tolera que multiplicam os seus mais graves efeitos, espumas ou corrubas — de tão fúncas consequências.

porque não esturva hoje mesmo o «embryodine», para se ver imediatamente livre das terríveis injunções da doença?



Embryodine-Lotion

uma especialidade biológica da

EMBRYODINE LABS. OF N. Y. C. INC.



Enviamos, contra simples pedido, as opiniões de ilustres médicos, sobre as especialidades EMBRYODINE. Um frasco 30900.

ODOL é sinónimo de:

Dentes brancos e brilhantes
Gengivas rosadas
Alito puro e agradável



A PASTA DENTÍFRICA 100 %

Peça nas boas Farmácias, Perfumarias e Drogarias um produto de confiança e lhe aconselharão

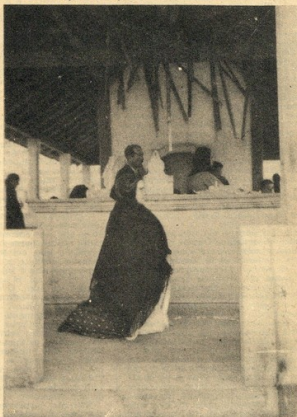




O Cardeal Legado no acto da coroação



Junto da capela das promessas



Um aspecto da capela

AS CERIMÓNIAS DA COROAÇÃO DA VIRGEM EM FÁTIMA

QUINZENTAS ou seiscentas mil pessoas se reuniram em Fátima, para assistir às cerimónias da coroação da Virgem.

Este ano as peregrinações foram muitas e importantes, principalmente as organizadas pelas Juventudes Católicas.

De todas as dioceses chegaram constantemente, centenas de estudantes, que fizeram oito e mais dias de caminhadas a pé! Alguns chegavam com os pés em ferida e arrimados a bordões!

Por toda a parte era um mar de gente e os cânticos e rezas tinham uma suavidade estranha.

O cardeal-legado foi recebido em apoteose. E, além das peregrinações portuguesas, muitos fiéis franceses, ingleses, belgas, holandeses e duas grandes peregrinações espanholas — que o mundo já sabe onde é Fátima e o que representa para os que sabem ter fé.

A coroação da Virgem de Fátima foi um grande acontecimento.

Manifestação de Fé habitualmente grandiosa, a peregrinação a Fátima, atingiu este ano, alturas nunca igualadas e teve momentos de mistério que raramente poderão ser excedidos.



O Cardeal Legado e comitiva, chegam às portas de Fátima



OS RAPAZES E AS RAPARIGAS DE AGORA VISTOS PELA CONDESSA DE MARTEL

POR FERNANDO D'EÇA LEAL

Conde de Mardel

SIBYLLE Gabrielle Marie Antoinette de Ruquet de Antrebeau, Condessa de Janville, nasceu no Castelo de Koëtzal (Morbihan), sobrinha do grande Mirabeau, publicou com o pseudónimo de Gyp, uma centena de obras literárias, figurando, entre elas, romances, cheios de fantasia e de verve, sobre os costumes e caprichos da sociedade mundana e dos meios políticos.

As que mais sucesso tiveram foram: *Petit Bob*, que introduziu na literatura a criança terevel, *Antoin du mariage*, *Elles et Lui*, *Antoin du divorce*, *O province*, *Ohé! la grande vie*, *Le Journal d'un philosophe*, *Le Baron Sinai*, *Israel*, *Um ménage dernier cri*, *Journal d'une casuelle*, *L'age du 100*, *Ceux de la nuque*, *Les Flanchards*, *Les Profitiards*, *Le monde à côté*.

Outros romances ainda, e estes devido a uma ligeira sentimentalidade, agradaram muito, como: *Petit bleu*, *Le mariage de Chifon*, *Totote*, *La fête*, *Le bonheur de Ginette*.

Gyp publicou, jor fim, as suas impressões de infância em 1927 e 1928, com o título de «Souvenirs d'une petit fille».

A Condessa de Martel foi uma grande figura literária. Os seus romances fizeram, nos seus tempos, uma certa revolução, por parecerem extraordinariamente audezes, os quais, agora, nos parecem tímidos e inocentes...

As senhoras e meninas dessas boas e pacatas épocas liam esses livros mas... às escondidas!

Gyp publicou também, numa illustração parisiense, um artigo sobre os adolescentes, rapazes e raparigas de agora, impressões deveras interessantes, que passo a transcrever:

«Há tal diferença entre as crianças de hoje e as do meu tempo, que não sei se acertarei em estabelecer um paralelo exacto.

Os rapazes e as raparigas destas últimas gerações surpreendem-me e espantam-me! Assustam-me! Só encontro ingenuidade e confiança nas crianças pequenas, as quais se parecem com as grandes dos meus tempos... As crianças de hoje,

com os seus rostos herméticos e graves, com o seu precoce espírito de observação e de crítica, não têm já aquela alegria, aquela sensatez e aquele atordoadismo natural que eram características dos rapazes de outras épocas, sem dúvida alguma melhores...

Recordo-me que os da minha infância e adolescência, acreditavam em tudo que lhes diziam, o que não acontece hoje. Ainda passados os sete anos não duvidávamos da existência do Pai Natal, que repartia brinquedos pelos meninos bem comportados, na noite de San Silvestre; não estávamos muito seguros de que as fadas fossem um mito, e nas nossas orações pedíamos a Deus que nos fizesse saber as lições, sem as estudar...

Quando casci, e comeci a educar os meus filhos, as coisas haviam já mudado um pouco, tendo acontecido, mais de uma vez, os meus pequenos oporem às minhas ordens as suas razões... Contudo, a infância não tinha naufragado na incredulidade e no cinismo!

Eram submissos, respeitosos e bem intencionados.

Os últimos quarenta anos suprimiram a adolescência, e sobretudo desde que em um fuzado «falso» de identificação as mulheres fazem todo o possível para se parecerem com os homens!

Os rapazes, seguindo este exemplo,

querem também nivelar-se com a gente grande...

O resultado de tal evolução é brilhante à primeira vista, pois que o adolescente de hoje, de inteligência muito mais clara que o de ontem, é senhor da resolução e da iniciativa que lhe dá o desporto, não conhecendo a idade ingrata, cheia de timidez e de torpezas, entre a infância e a juventude... Mas esta favorável aparência, oculta uma espantosa ausência de pensamento e de sentimento... O rapaz e a rapariga de hoje não têm ilusões, nem affectos... Tão pouco têm alegria...

Preocupados sómente em ganhar dinheiro ou de o arranjar de qualquer maneira, chegam aos vinte anos com a velhice espiritual dos sessenta!

São frios, egoístas, vaidosos, cínicos e avarentos...

Um rapaz destes, que ainda não tinha completado quatorze anos, falava de politica uma tarde em minha casa, sem que os seus pais o mandassem calar... Tive a imprudência de exclamar: «Já não há crianças!...». Então o rapaz encanou comigo e, sorrindo, replicou-me: «Não se apoquentem, senhora Condessa, com as crianças... isso é connosco!».

A Condessa de Martel, que neste, seu excelente artigo diz muitas verdades, exagera um pouco quanto às más qualidades que aponta às novas gerações.

E preciso lembrar que a mocidade tem, nos últimos anos, passando por épocas terríveis de guerras, de misérias, de dôr, de privações e de angústias devidas à luta pela vida... e foram crescendo no meio de todas estas horribes coisas!

Tudo mudou por completo!

As raparigas pertencem à era revolucionária da mulher, a qual lhes reduziu tudo a metade; e cabelos, as saias, o pudor, a boa educação e até os sapatos... e desde crianças só têm uma ideia: tornarem-se independentes...

Os rapazes sabem muito bem que em chegando a homens só têm valor para elas se possuírem o bastante para lhes satisfazer todos os caprichos e poderem dar-lhes uma vida de luxo, pois que as lindas cartas de amor, as frases bem ditas, a delicadeza do pensamento, a sinceridade, e a nobreza do sentimento, todas estas belas coisas, desgraçadamente, hoje, para a grande maioria, é letra morta...

As antigas gerações é bem natural que se impressionem com esta tão radical mudança de pensar, pois que a afeição, a amizade, o amor, tudo isto para elas era sublime!

Dois mais simples faziam um romance!

Era a época do romantismo, que tão atacada foi pelos escritores naturalistas. Hoje é o naturalismo que impera, mas mesmo assim, escreveu o admirável Zola no seu livro «Os Romancistas naturalistas», que Balzac, Stendal, os irmãos Gouncourt, Flaubert, Alphonse Daudet e ele mesmo, se ressentiram ainda, um pouco, dessa época!

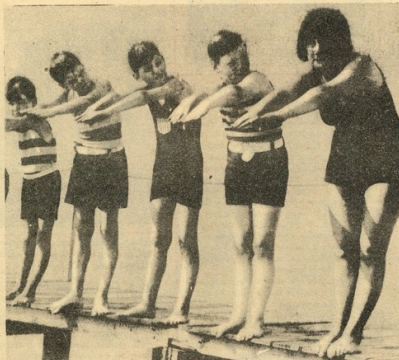
Há realmente, grandes verdades, como já disse, no que diz a velha Condessa de Martel no seu artigo, mas há também imensa rubriche...

Felizmente, há muitas e muitas excepções.

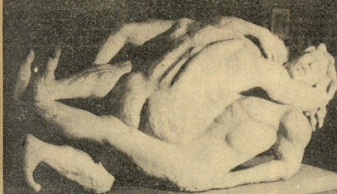
Rapazes e raparigas conheço eu, cheios de boas qualidades, bem educados e de nobres sentimentos.

Alguns, com quem me dou muito, com os seus dezanove e vinte anos, têm uma conduta tão irrepreensível e uma maneira de pensar tão equilibrada, que eu muitas vezes, ao ouvi-los, raciocino que só comeci a pensar assim quando cheguei aos quarenta!...

E comheço muita gente com cinquenta, sessenta e até setenta anos... que, nelle, ainda o bom senso anda às cambalhotas!



As crianças e os adolescentes de hoje, devido ao desporto, não conhecem a idade ingrata dos rapazes doutros tempos...



ARTE FRANCESA

Esta escultura é de René Iche, grande escultor francês, nascido em 1897, perto de Narbonne. Frequentou a Universidade de Paris e trabalhou no atelier do célebre Bourdelle. Estudou arquitectura com Perret mas, depois, escolheu definitivamente a escultura, em que passou a ser mestre. Constatou-se nos seus trabalhos — apesar da unidade evidente da sua maneira — um período primitivo, o qual pertencem as suas obras visionárias e monumentais, e um período de orientação para os valores clássicos. Este é o período que presentemente está atravessando René Iche, que tem numerosas obras nos principais museus de França e em muitas colecções privadas. Presentemente, projecta a realização de um grupo monumental: — o combate de Jacob com o Anjo.



Este é o pintor Bonard, pintado por Jules Joetz. Discípulo de Poulet, Jules Joetz nasceu em 1844. O pintor G. Guay convidou-o a ir para Paris e a detetar a sua cidade natal, St. Omer, onde dirigiu, com seu pai, uma modesta empresa de pintura para a construção civil.

Chegado a Paris, e enviadas as suas primeiras obras ao Salão dos Artistas Franceses, ganhou várias medalhas e uma bolsa que lhe permitiu visitar o estrangeiro. Foi à Inglaterra, à Holanda e à Itália. Em 1923 aderiu aos 'Independentes', de cujo 'Comité' faz parte.

O retrato do pintor Bonard, que publicamos, obteve grande êxito no Salão dos Independentes de 1948.



1.º Torneio Problema n.º 6

Naquela tarde quente de Agosto um homem perdoa a vida nas águas do Tejo — o conhecido desportista náutico Manuel Represa, dono do late «Anabela», ancorado em frente de Belem, a uma 200 metros de terra.

Participara a ocorrência um amigo do desportista que, na altura do desastre, se encontrava com ele na embarcação, combinando várias coisas referentes a uma prova náutica em que ambos entravam, no dia imediato, em barcos diferentes, reunindo em si os mais prováveis trunfos de êxito.

O Inspector, embora parecesse tratar-se dum mero acidente, não quis deixar, por dever de officio, de ouvir as declarações do participante.

Eis o seu depoimento textual:

«Encontrárvamos com o meu amigo no convés do «Anabela», conversando amavelmente. A maré estava em piena vassante, arrastando velozmente em direcção à barra qualquer objecto que sobrenadasse. Entrévimonos até a fazer cálculos de velocidade e de tempo que um pedaço de madeira levaria a chegar à foz, dada a impetuosidade da corrente.

A certa altura, sentindo a maré, desci à casa de jantar. Quando subia já as escadas, de regresso, ouvi um grito afilado vindo do lado da proa. Corri imediatamente para lá, e fiquei horrorizado: a uns 30 metros à minha frente, para lá da proa, o meu pobre amigo debatia-se desesperadamente com a corrente, que o arrastava cada vez mais. Qualquer auxilio seria uma loucura, e foi com o coração despedaçado que vi o Manuel submergir e nunca mais aparecer à superfície.

Abandonei então o late e apressei-me a comunicar o caso às autoridades.

O Inspector nem deu por que o homem que estava na sua frente se calara, tão concentrado estava, meditando naquilo que acabara de ouvir.

Depois, levantou o rosto e, enquanto acendia o seu inseparável cachimbo, alfinhou com estas palavras, pensadamente:

— Gostei muito de o ouvir. Há certo poder descritivo e imaginação no seu relato... Mas um pequeno pormenor o traiu e me leva a prendê-lo como assassino de Manuel Represa!

Pergunta-se:

- Qual o pormenor que levou o Inspector à prisão do depoente?
- Qual lhe parece que tenha sido o móbil do crime?

Envie-nos a sua decifração até ao dia 6 de Junho p. f., a fim de que a posamos no jornal.

PROBLEMA N.º 3

DECIFRAÇÃO

Apresentamos extrair da solução enviada pelo nosso prezado colaborador setubalense Philo Vance, os pontos principais que constituem a decifração deste problema:

a) Porque aventou o sr. Gil ao desportar, que a pasta fora roubada? Podia ter sido perdida?

b) Se estava presa a uma forte corrente à casa de um dos hóspedes, para ser roubada com um ruído violento, como ele disse, a corrente não quebrava, mas sim rebentaria à casa, tanto mais que o castanico era de linho.

c) Seria natural que uma pessoa que levava consigo 20 contos se fosse meter entre uma grande multidão, onde são fáceis e fêrtiles os roubos?

d) Havendo pessoas feridas gravemente, porque apresentava o cobrador apenas leves escoriações... desmalgara?

e) Ao sentir puxar pela pasta não seria legítimo agarrar ou, pelo menos, tentar agarrar a pessoa que o fazia?

Enviáramos decifrações os seguintes concorrentes, indicando-se, entre parêntese, o número de pontos da classificação geral, nesta altura:

Com 10 pontos — Philo Vance, Rapsax, Elviro, Repórter n.º 8, Jockai, Xis, Aiguém, Oraval, Rocobolbe, Maria Luísa e Mr. J. G. Reeder (todos com 30); Agente Koka Tudo (27).

Com 9 pontos — Drape, Erbeho, Mr. Dell, Ordisi (todos com 29); X-1 Operador Telefónico (23).

Com 8 pontos — Jorge Belo e Licam (com 27); Artur Varatolo, Detective Águia e Fantomas (25); Juvenal de Oliveira, Filipe José da Silva e Nemo (24); António Godetrey (23); Fanasha, P.F., Mário Marques, The Grot, Repórter Select e Dralheia (todos com 22); Júlio Feig (16) e Manuel Pereira Soares e Adolfo Lima (8).

POSTA RESTANTE

X-1 Operador Telefónico — Não era tão infantilismo que lhe pareceu, e a prova é que falhou nalgumas coisas... Mandou escrever.

Detective Águia — A secção está às suas ordens. Embora não figure nos solucionistas da prova, conseguiu a classificação de 7 pontos na classificação geral.

James — Terrei em consideração todas as posturas e multo obrigado pela atenção.

Ricardo — É favor dizer-nos a sua moradia, pois queremos escrever-lhe sobre a questão dos prazos.

Artur — Sempre que puder escreva, que muito apreço o nossa troca de impressões. Tem razão no que diz, mas nem tudo se pode fazer de repente.

Dralheia — Recebi a visita do meu amigo com maior satisfação. Excepcionalmente contém-lhe 7 pontos em cada um dos problemas atrasados. Espero que continue.

Inspector Marduk — Neste torneio acho que não devo mexer nos prazos, mas para o próximo alongo-lhe-lhe para 15 dias, atendendo o seu pedido e de outros interessados.

Xis — Afina! Foi sol de pouca duração! Creia que bastante o lameitão.

Rapsax e Repórter — As vossas decifrações têm marcado pela completa visão dos problemas. Os meus parabéns.

Manuel J. Soares — Seja bem-vindo. Embora com as desvantagens de começar no terceiro problema, espero que não desanime.

Príncipe Paul Seraine — É favor cumprir os prazos, pois não nos é fácil concederem. Contém-lhe 10 pontos no problema n.º 2.

Aiguém e Oraval — Vocês e a vossa equipa mostram ser temíveis competidores. Saudações.

MELHOR POSIÇÃO DE DORMIR

Dr. James Mc. Donnel, médico inglês, declara que só há uma boa posição de dormir, quando uma pessoa é saudável. Estende-se o corpo e flecte-se a perna, que fica do lado de cima, de maneira a apoiar o joelho contra o colchão. O cotovelo do braço do

mesmo lado deve também ficar-se contra o colchão. A almofada não deve ter mais altura do que a necessária para manter o pescoço horizontal. Não interessa que se deitara sobre o lado esquerdo ou sobre o lado direito.

Qualquer outra posição é má. As posições defeituosas provocam nevralgias, dores de costas e indolências nervosas.

A pior de todas as posições, que é frequentemente a feita pela mulher, é a de decubito abdominal (dormir sobre o ventre), que torce as vértebras cervicais e parte das dorsais, e, frequentemente, provoca dores nos ombros.



Alegria de Junho! Diana Lewis, a lindíssima mulher de William Powell, dá-nos nesta imagem cheia de luz, a voluptuosa do mar, das águas tranquilas, levemente doiradas pelo sol.



César (Claude Rains), visita o Palácio de Alexandria, antes de partir para Roma

OS CRÍTICOS DISSERAM MAL...

MAS "CÉSAR E CLEÓPATRA" ESTÁ HÁ 5 MESES NO CARTAZ DO CINEMA DE ESTREIA

ARTHUR Rank e Gabriel Pascal, afinal, não se enganaram. Por mais coisas que dissessem do filme — tinha que ser sempre um espectáculo para as multidões. E «César e Cleópatra» continua no cartaz do «Odéon» de Marble Arch, há cinco meses ininterruptos, com as lotações permanentemente esgotadas.

Poucos filmes, de facto, terão despertado tanta e tão animada controvérsia. A Imprensa, dum modo geral, discutiu com paixão esta película de proporções gigantescas, que muitos pretendiam ter ficado àquem do que seria lícito esperar. O debate subiu ao Parlamento, na ocasião em que se discutiram as bases do acordo cinematográfico anglo-americano. E no meio de tanta bola de papel — só Arthur Rank e Pascal não perderam a calma. O filme tinha que interessar, por força, as multidões.

Não se enganaram, como dissemos. Desde o dia 13 de Dezembro que não fica um lugar vago no grande cinema londrino que o estreou. «César e Cleópatra», com Claude Rains e Vivien Leigh, nas personagens que dão o nome ao filme, é um espectáculo gigantesco.



Vivien Leigh ou uma «Cleópatra» capaz de derrotar, só com os olhos, as legiões de César...

de proporções inéditas na cinematografia britânica. Fotografado em technicolor, impressiona e esmaga pelo tom colossal do conjunto. Há cenas onde se agitam milhares de figurantes. E outras que nos empolgam pela grandeza da reconstrução. Sob este aspecto, o deserto, com a estípite misteriosa, a sombra da qual César e Cleopatra vivem as suas cenas de amor, é um prodígio. Basta que se diga que a areia foi cruzada do próprio local, por um barco que cruzou o Mediterrâneo em plena guerra.

«César e Cleopatra» — a obra máxima da cinematografia inglesa — continua a ser, de há cinco meses para cá, o grande acontecimento dos cinemas britânicos.

«Quando lhes dá por ser bonito — dizia um vizinho português — não há mulher que bata o inglês». Patricia Roc, que aqui vemos, parece justificar a afirmação. Estrela do cinema britânico — vinha-la em «A Madona dos Sete Luvas» e vamos vê-la, novamente, em «Acordo Final» e «2.000 mulheres» — Patricia Roc é, de facto, uma lindíssima rapariga — e uma actriz talentosa. Os ingleses ainda não aprenderam a lançar as suas artistas com os seus talentos. Ora, a dificuldade do leitor em seguir o nome das vedetas britânicas. Mas Patricia merece bem que demarcem a sua imagem — e o seu nome!



ACABA DE SAIR:

Dois contra o mundo

por RODRIGO FORTE

O romance dos homens fortes e heróicos que conduzem a luta hercúlea pelo petróleo

Um volume com 8 fotografuras

ESC. 10800

EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÃO «ARGO» — LISBOA

A CONFERENCIA DO CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO



O mundo não há maneira de se entender. Por mais que se multipliquem os esforços e as bog-vontades — são tantos os interesses em jogo, que não se consegue chegar a acordo nos aspectos mais comezinhos em que tal compromisso se afirma indispensável. E assim, o mal-estar e o azedume continuam na ordem do dia. Nesta Europa enfadada de pão e de espíritos esclarecidos, todos rellham — e ninguém tem razão... Ou se têm, os outros não a reconhecem, nem a dão...

Nos arraiais do cinema, o reflexo do mal-estar faz-se sentir, como não poderia deixar de ser. O cinema é, na realidade, uma das grandes forças capitivadas, para servir o Bem ou o Mal. E, além disso, um valor económico da mais alta importância. Assim, sofre duplamente com o desacerto geral, porque tornado instrumento dos interesses que dividem o Mundo, é olhado simultaneamente como agente de opinião, que importa vigiar, e como mercadoria a postar sobre os acordos comerciais, que comandam a vida dos povos.

Enquanto, nos Balcãs, várias nações nacionalizaram a indústria de cinema (nas três modalidades: exploração, distribuição e produção), proseguem, noutras capitais, as negociações entre os representantes locais e as missões cinematográficas americanas. Em boa verdade, os progressos registados são nulos. E não foi possível ainda firmar acordos, pois os pontos de vista de Hollywood não se conciliam com os dos governos europeus, com quem as negociações foram entabuladas oportunamente. Sob este aspecto, a França oferece-nos um exemplo fraterno.

Ma o mal-estar continua. A Inglaterra critica áperamente as produções francesas. E vai até o ponto de acolher de nazista o filme L'Eternel Retour. O sr. Gradwell Sears, vice-presidente da «United Artists» acusa os jornalistas londrinos de «vulgarizar as obras americanas e de criar no público um estado de espírito «perigosamente nacionalista». A Imprensa L'réitica tem em alcanço com pertinência, o à-vontade com que Hollywood trata os assuntos históricos e certos jornais vão ao ponto de afirmar que as produções americanas «representam de forma intocada, e muitas vezes maldosa, os métodos e as idéias inglesas». E reparam que este estado de espírito se manifesta reciprocamente em três países, que não são dos que mais se têm dividido à mesa das conferências, quando tiveram que encetar os assuntos transcendentais, da que depende o futuro do Mundo.

Tudo isto é de molde a perturbar o espírito e o sono dos que consagram a sua actividade aos problemas mundiais do cinema. René Clair, quando chegou à Europa, não escondia um movimento de surpresa. É fiel à sua divisa — «le cinema est une affaire de gouvernement» — acaba de lançar uma ideia tanto mais corajosa, quanto é certo o «sucesso de iniciativas semelhantes. Com efeito, o realizador de Sabos os Telhados de Paris defende a necessidade imediata de se convocar a grande conferência internacional do cinema. A cada duas a mesa, diz o cineasta francês, cada um exporia os seus pontos de vista — e acordaria na resolução das mil e uma divergências que agora dificultam e impedem o livre desenvolvimento e a legítima expressão do cinema.

Teoricamente, este alvitre sincero e generoso — é de aplaudir. Mas resultaria, na prática? Infelizmente, os exemplos recentes não são animadores. O Mundo ainda não se refiz da provação dum guerra longa, cruenta e — uma vitória que, paradoxalmente, veio depressa de mais. Com efeito, diz-se-ia que ela surpreendeu os próprios vencedores, que não tiveram tempo de amadurecer os planos da Paz, preocupados acima de tudo com a tarefa de ganhar a guerra.

Antes que discutem as nuances que ensoambram o panorama mundial, parece-nos tarefa ingrata e ingérua convocar a conferência do cinema. Porque assistiríamos, agora no plano cinematográfico, aos mesmos diálogos de polévaras, à mesma irrecusabilidade de atitudes, que tiveram anterior realidade, igualmente insuperada em laudáveis propósitos, a desoladores e confusos «backas sem saída».

No dia em que à volta duma mesa se sentassem os Bevin, os Byrnes e os Molotov da cinematografia o espectáculo seria o mesmo de sempre. E vitiem à baila as zonas de influência, as disputas das grandes, o direito do veto, os conselhos de segurança — e toda a complicada engrenagem que justifica em geral a existência dos diplomatas — pessoas encarregadas de resolver aqueles problemas que não existiriam, se não houvesse diplomatas...

Assim — tudo indica — a conferência do cinema não se realizará. E a partir deste, no campo mundial, ficará ligada às relações que há-de regular a vida dos povos. O valor e o interesse dos filmes se encarregarão, em última análise, de fazer o resto.

Está no modo dizer-se agora que o Lena Turnay não é mais do que um produto dos maravilhosos laboratórios de emagullagem dos estúdios americanos. Sa-guão pretendem alguns, Lena é, na vida real, uma mulher feio, desolegante, gebo. As scurvas perigosas não seriam mais do que esportistas e o seu face luminoso um carotexa de cométicos, cromas e lápis de côres.

A FORTALEZA EUROPEIA

POR CARLOS FERRÃO

A ascensão do rei Boris, que reintroduziu nos erros que haviam levado seu pai ao exílio e que a ele o levavam à morte, era, portanto, em todos os seus actos, apparente em grande parte justificada por um conjunto de realidades que era impossível não tomar em consideração para o apontar exacto das suas responsabilidades.

A VISITA DO REI BORIS AO FUHRER EM MARÇO DE 1943

No dia 2 de Abril um comunicado do Quartel General do Fuhrer annunciava que este recebera, em 31 de Março, a visita do rei Boris da Bulgária, e que ambos haviam tido prolongadas conversações, nas quais se correram no espirito da amizade tradicional que liga há muito os dois países. A verdade não se ajustava inteiramente a esta versão optimista da conversa que o soberano bulgaro tivera com o senhor da guerra na Alemanha, a qual decorrera em termos muito menos cordiais do que poderia deduzirse da versão oficial do encontro.

A visita do rei da Bulgária filia-se no alinhamento a que a direcção politica do Eixo procurava proceder antes de se lançar na aventura de organizar a defesa da fortaleza europeia. Hitler e os seus conselheiros politico-militares sabiam, concretamente, qual era o auxilio efectivo que para essa altura estavam a prestar os dois países satélites. Já vimos qual foi a attitude adoptada pelos dirigentes de ambos todos esses países, e que se traduziu por uma serie de respostas negativas ou aproximadamente negativas.

A resposta do rei Boris ao questionário que lhe foi apresentado pelo Fuhrer, na presença do marechal Keitel e do ministro Ribbentrop, não constituiu uma excepção a esta regra. O soberano da Bulgária, para se escusar a exigir do seu povo mais sacrificios além daqueles que já havia suportado, invocou toda a gama de argumentos que atrás resumimos e apresentou ainda outros que resultavam da opinião firmemente assente por alguns dos seus conselheiros, especialmente militares, quanto à impossibilidade de mobilizar forças numerosas para a cruzada anti-soviética. Embora preparados para ouvir as razões que há muito vinham sendo expostas nos órgãos da imprensa bulgara, o Fuhrer e o seu chefe Keitel procuraram, sem qualquer resultado, convencer o rei da Bulgária a intensificar o seu auxilio directo à causa comum, mobilizando e instruindo novas classes militares.

A SOLICITAÇÃO DADA PELOS DIRIGENTES BULGAROS DAS DIFICULDADES DO SEU PAIS

A fórmula encontrada pelos dirigentes bulgaros para fazerem faces ás dificuldades em que se encontravam debatia por virtude da politica passiva do rei, acabou por ser aceite por Hitler, não de uma forma qualquer que fodesse os riscos a correr, o Reich podia ou não desertar o seu campo. Essa fórmula resumia-se no seguinte: o exercito bulgaro não combateria contra o exercito russo, considerando as afinidades que existiam entre os dois povos, mas a Bulgária estava disposta a intensificar a sua participação activa nas tarefas de occupação dos países balcânicos e a contribuir decisivamente para libertar as tropas alemãs e italianas que neles se encontravam e que poderiam ser empregadas noutras missões.

Os países que assim vieram aumentando os contingentes bulgaros de occupação eram a Grécia e a Yugoslavia, onde os satélites do rei Boris se distinguiram praticando crueldades que, em certos casos, excederam em muito as que alemães e italianos haviam feito. Esta attitude contribuiu

potentemente para que, apesar da protecção dispensada pela U.R.S.S. as reivindicações bulgaras depois do termo dos hostilidades, essa reivindicação deparassem com a recusa unânime dos restantes vencedores, recusa perfeitamente justificada e fundamentada em factos incontrovertidos.

Durante o mês de Abril, a fim de diminuir a resistência da opposição no interior do país, os dirigentes bulgaros fizeram uma campanha de propaganda, pondo em relevo a importância das conversações que o rei tivera com Hitler e acentuando que, em circumstancia nenhuma, a Bulgária combateria abertamente o povo russo, embora continuasse firmemente disposta a conservar todos os ganhos que pudesse realizar em consequência da attitude que tomara no conflito e em obediência às applicações tradicionais do seu povo em relação aos seus vizinhos balcânicos: Grécia e Yugoslavia.

SOFIA TRANSFORMADA EM QUARTEL GENERAL DAS FORÇAS NAVAIS DO EIXO

Entretanto os bulgaros, segundo os acontecimentos rapidamente revelaram, tinham sido obrigados a fazer os mesmos cálculos e tirar as mesmas conclusões substanciais. A guardaio militar da cidade de Sofia aumentou, o que significava claramente que os dirigentes do Reich desavam vir de novo a pedir aos governos do seu aliado, que começava a merecer-lhes pouca confiança. Durante a Primavera de 1943, tal como aconteceu dois anos antes durante a Primavera de 1941, numerosas tropas alemãs penetraram em território bulgaro, onde se concentraram em número de muitas divisões.

Sofia tornou-se o Quartel General das forças navais do Eixo, no Mar Negro, e logo a cidade foi cercada pelo poder dos alemães fortificada. Estas medidas de precaução eram evidentemente ditadas por uma situação duvidosa da Turquia, que estava a ser objecto de uma forte pressão diplomática por parte das nações aliadas. O litoral da Macedónia grega foi igualmente fortificado pelos alemães, que se prepararam para resistir a qualquer surpresa.

Na Grécia e na Yugoslavia os bulgaros aumentaram os seus contingentes de occupação, os quais se distinguiram na luta contra as forças da resistência local. Ao mesmo tempo, o governo bulgaro, para corresponder ao pedido dos alemães, publicaram uma serie de leis anti-semitas, das quais resultou logo a deportação de mais de cem mil judeus para a área de Sofia, e mais tarde para a Polónia, onde muitos deles pereceram.

Estas medidas provocaram violentas manifestações de protesto e attentados pessoais de que foram vítimas várias personalidades em destaque na politica bulgara, entre as quais o coronel Panjev, chefe da policia e o presidente da Commissão dos actos estrangeiros do Parlamento, Sotir Janev. A recusa crescente do povo bulgaro começava a revelar a situação politica em que se encontrava cada vez menos disposto a empregar aos seus dirigentes uma solidariedade na politica em que se haviam comprometido. As vitórias aliadas na Tunisia e na Rússia eram o alívio mais claro de que, pela segunda vez, a Bulgária jogara uma carta fatal collocando-se ao lado da Alemanha, fazendo com ella uma guerra infeliz e de péssimas consequências.

Na véspera da luta decisiva que a empreender-se-ia volta da Fortaleza europeia, tudo que seria certamente o último fase da guerra travada entre o bloco totalitário e o resto do mundo, a situação dos grupos de beligerantes offeria material para estudo e reflexão. Esses grupos manifestavam sintomas da sua falta de homogeneidade os

quais eram, porém, muito mais claros e perigosos do lado da Alemanha e dos seus aliados do que do lado das Nações Unidas. Mas entre estas também, como veremos, a harmonia estava longe de ser perfeita no começo de 1943. Os principais aspectos das suas divergências eram a opposição que começava a tomar proporções inesperadas e ameaçadoras entre a Gran Bretanha e a U. R. S. S., a campanha conduzida por uma grande parte da imprensa americana contra o imperialismo britânico e o agravamento rápido das relações entre o governo sovietico e o governo polaco de Londres.

Mas por essa altura, e sobretudo depois da renúncia da Itália e do colapso do fascismo em Itália, a posição do bloco totalitário era incomparavelmente pior do que do grupo adverso. Entre as Nações Unidas a successão das suas vitórias militares constituia um incitamento à união, mesmo precária, a qual era considerada por todas elas como o único penhor de uma vitória certa. O espectaculo de força que o Reich ainda offeria convidava-as a reagir para segundo plano as suas querelas e a fazer avaliar os motivos de solidariedade que as ligavam a fim de poderem debelar o perigo comum que a todas ameaçava.

Os sintomas inequívocos de desarmonia que se manifestavam entre os países ligados pelo pacto tripartido, sobretudo na Europa, constituam um fundamento precioso para os boatos de paz separada que não deixaram de correr insistentemente

durante todo aquele ano e que naturalmente se intensificaram e adquiriram perfeita verosimilhança perante a attitude clara da Itália e a attitude mais discreta, mas nem por isso menos significativas dos satélites do Reich, a Finlândia, a Hungria, e a Bulgária. Os sinais de cansaço e de fadiga que se verificavam em todos estes países significavam de maneira inequívoca, que era a paz que todos eles desejavam e que os sentimentos das suas populações não estavam a ser interpretados pelos respectivos dirigentes.

UMA DECLARAÇÃO DO EMBAIXADOR AMERICANO EM MOSCOVO QUE CAUSOU SENSAÇÃO.

O primeiro sinal de que as relações entre os Aliados também não decorriam no meio de uma harmonia perfeita foi dado no dia 8 de Março de 1943 pelo almirante Standley, embaixador dos Estados Unidos em Moscovo. O almirante fora enviado pelo Presidente Roosevelt para a capital sovietica como pessoa da sua confiança pessoal e categorizado pelo titulo militar, numa época em que, entre os dois países, eram sobretudo os problemas de ordem militar que interessava resolver satisfatoriamente. Mas faltavam-lhe naturalmente todos os requisitos para o desempenho de uma função diplomática daquela importância e sobretudo carecia de experiencia para o desempenho da sua missão.

(Continua)

Desportos

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado, proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



Força e resistência, condições de grande rendimento muscular e potência.

O equilíbrio a velocidade em baixas temperaturas produz um maior gaste de energia.

A velocidade exige um consumo elevado de energia, sendo necessário um bom tonificado.

A agitação e a rapidez de movimentos exigem um consumo elevado de energia.

A elegância de movimentos requer a máxima elasticidade.

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo annuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fosforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto lúcido, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legitimo Fosforo Ferrero.

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos.

Fosforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO-PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO

PASTA MEDICINAL
Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 1800
Medicinal grande — tubo 1750
Vulgar pequena — tubo 4500
Vulgar grande — tubo 7500

Tiká MATA
PERCEVEIOS BARATOS PULGAS TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE
Caixa pequena..... 3500
Caixa grande..... 8500
Dep.: **COUTO, L. 4ª — Porto**
L. S. Domingos, 108

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

"55" o Batón da Moda não tem rival

ENTRE TODAS SE DISTINGUE
SWING 40
ROSTREI
GARANTE PELO MENOS 13 BARBAS PERFEITAS

ASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Biqueira, 56 da Bandeira, 106, 3 — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 5 — Por Jorge Pessoa Pereira — (Lisbon)
ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Estátua de Mercedrio; aqui está. 2 — Produzir som; disse-o do pio que não fermentou (termo popular). 3 — Preposição indicativa de tempo; subjuntivos potéticos. 4 — Acharque; hígienicos. 5 — Desejar; camada inferior da sociedade. 6 — Buchas de peça de artilharia; concerto musical de noite. 7 — Os criminosos; redus a pequenos fragmentos. 8 — Martelada; grande massa de água salgada, que cobre a maior parte da superfície da terra. 9 — Fados; ingrata. 10 — Pequenas argolas; grandes navios mercantes. 11 — Lugar em que se acende fogo; na cozinha; meios de vida.
VERTICAIS: 1 — Fecho de uma obra de arquitectura; bilis. 2 — Leite que as crinças sugam do seio da mãe; saco de coliro, geralmente fechado a cadeado. 3 — Exilato; indivíduo encarregado de lacrar garrafas nos armazéns de vinho. 4 — Relação; corrueros. 5 — Com preferência empregar grande esforço. 6 — Desacertar; relativo a porcos. 7 — Séries; ecoas. 8 — Alberjar; caragami. 9 — Moeram com os dentes; igreja patriarcal. 10 — fntimos; fazem voar. 11 — Solitários; deitam suor pelos poros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 67

HORIZONTAIS: 1 — Lapuz; rapas. 2 — Alem; como. 3 — Pas; mas; sem. 4 — Ir; militar; má. 5 — Calaras. 6 — Batl; aros. 7 — Latadas. 8 — As; ratas; la. 9 — Las; res; sim. 10 — Alas; remo. 11 — Ralar; ratas.
VERTICAIS: 1 — Lápiz; calar. 2 — Alar; sala. 3 — Pés; cal; sal. 4 — Um; matar; sa. 5 — Militar. 6 — Vara; atem. 7 — Saradas. 8 — Ac; ratas; ra. 9 — Pos; ós; sel. 10 — Amem; Lima. 11 — Somar — Am.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

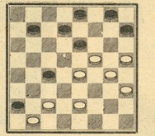
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											



Jogo disputado entre José Trindade Martins e José Pereira Baptista no 1.º Campeonato de Damas por Correspondência, de Vítia Mundial (Ilustradas)

12-15	1.	23-19
8-12	2.	28-23
10-13	3.	21-18
5-10	4.	32-28
1-5	5.	19-14
10-19	6.	23-11
18-17	7.	28-23
6-10	8.	23-20
10-19	9.	18-14
11-18	10.	20-11
7-14	11.	22-15-8
1-4	12.	26-12
6-9	13.	24-20
1-4	14.	26-15
3-7	15.	31-28

Posição do jogo ao 15.º lance das pretas:



14-19	16.	29-26
7-12	17.	27-23
18-27	18.	25-14
12-19	19.	30-23
13-18	20.	23-20
18-22	21.	20-15
22-20	22.	14-11

Empate

SOLUÇÃO DO FINAL N.º 19 (Publicado em 24/12/945)

1.ª hipótese

17-21	30-17	2-5	17-23
25-18	18-13	10-1	1-28
	24-31		
			P.

2.ª hipótese

17-21	30-17	2-5	17-6
25-18	10-3	3-10	P.

3.ª hipótese

17-21	30-17	2-5	17-6
25-18	10-1	1-10	P.

4.ª hipótese

17-21	30-17	17-3	3-16
25-18	10-6	14-11	18-4 (ou 13)
16-30	24-31	30-17	31-28
32-28	11-7	7-4	14-11
	17-6	6-3	
	11-7	P.	

5.ª hipótese

17-31	30-17	2-9	17-30
25-18	10-5	14-11	P.

Nota do Autor — O fundamento técnico deste final consiste no sacrificio prévio da p. b. 17 para que a d. b. possa atacar a «dama» adversa, a qual, com a fuga para a parte superior do «rio», impedia pela própria «pedra», não pode furtar-se à entrega, ou por «desvios» simples, ou por «encaixes» em 28.

Estas notas e as publicadas aqui anteriormente, são inspiradas nas originaes definições com que o insigne técnico «damista» Dr. Carlos R. Lafora, de Teite-Gran Camària, ilustra as composições que publica na sua brilhante secção em «La Provincia».

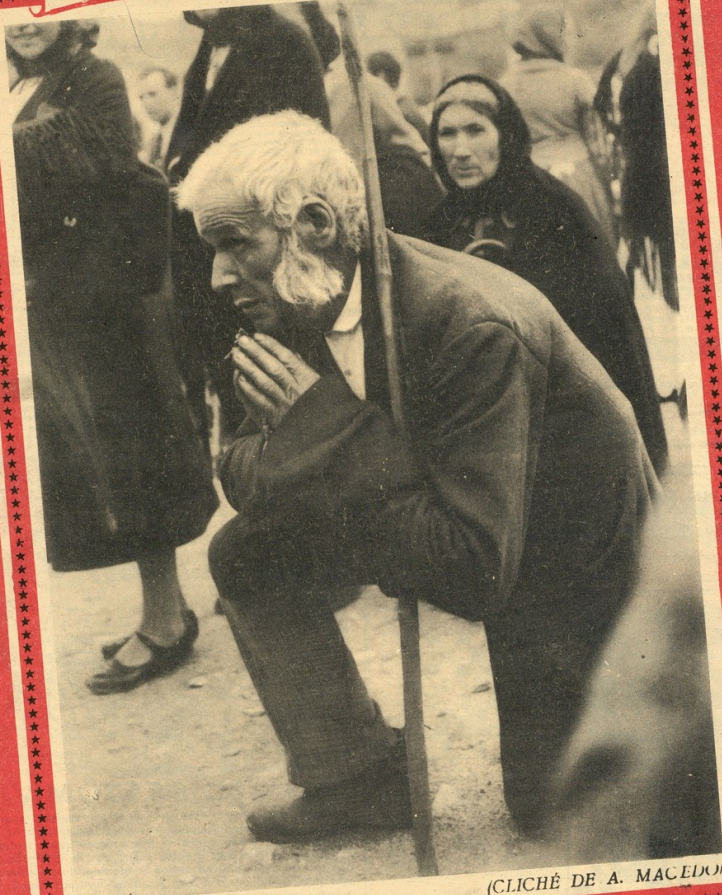
Irradie Felicidade

mediante um **BOM ESTÔMAGO**

Quando uma pessoa é forte e saudável, disposta a gozar o prazer da mesa, tendo a capacidade de comunicar a sua boa disposição às outras pessoas. Mas o caso muda de figura desde que a saúde seja comprometida por perturbações gástricas. Se o seu estômago está transtornado, e os alimentos lhe causam dor, flatulência, ou azia, deve tomar um pouco de Magnésia Bisurada depois da sua próxima refeição. O alívio vem rápido, porque o excesso de acidez no estômago é prontamente neutralizado, desaparecendo a causa destas incômodos gástricos. A Magnésia Bisurada ajudá-lo-á a recuperar a saúde, promovendo uma digestão normal.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com **MAGNÉSIA BISURADA**
À venda em todas as farmácias, a 15\$00 e 23\$00, pó ou comprimidos.

UMA IMAGEM DE
FATIMA
QUE É UMA LEGENDA DE FÉ



(CLICHÊ DE A. MACEDO)

(VER REPORTAGEM SOBRE A PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA NA PÁG. 16)

Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
-CREME
TORERO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
-CREME
TORERO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes